Movimento, nº 303, 20 a 26 de abril de 1981, p. 3

MILITARES

Serpa preso, de novo...

É quase certa a punição do general Serpa, esta semana: ele vai falar contra o projeto Carajás

Antonio Carlos Queiróz

Se não ocorrer nenhuma surpresa antes, nesta quinta-feira, dia 23, o general Antonio Carlos de Andrada Serpa comparecerá ao Clube de Engenharia do Rio Janeiro para fazer o seu décimo pronunciamento público desde fevereiro de 1979, quando estava na chefia do Departamento Geral do Pessoal (DGP) do ministério do Exército. O acontecimento está sendo aguardado com ansiedade, especialmente nos gabinetes do Palácio do Planalto.

A não punição do velho general nacionalista pelo ministro do Exército é que não será uma surpresa. Embora o próprio Andrada Serpa esteja confiante no contrário, são favas contadas o seu segundo enquadramento, em quatro meses, nos dispositivos do Regulamento Disciplinar do Exército (RDE) e do Estatuto dos Militares, que proibem as manifestações políticas não autorizadas, tanto dos militares da ativa como da reserva. Como se lembra, ele foi punido com dois dias de prisão domiciliar no último mês de dezembro, depois de ter discursado no Instituto de Engenharia de São Paulo e de ter assinado o manifesto "Em defesa da nação ameaçada", juntamente com alguns empresários, intelectuais e militares da reserva.

J. Bernardes/Agência F-4

No seu sítio Borda do Campo, o general lê e é espionado...

Para justificar suas reiteradas intervenções no campo da política, Serpa costuma repetir a frase de Osório, Marquês de Herval, segundo a qual "a farda não abafa no peito do soldado os brios do cidadão". Esta máxima sempre o acompanhou, rendendo-lhe a imagem de "recalcitrante" no seio do Exército.

Foi com esta disposição que, em 1955, o então tenente-coronel Antonio Carlos de Andrada Serpa — bastante considerado pela sua participação na campanha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial — Ganhou uma batalha judicial movida contra ele pelo ministro da Guerra, general Henrique Lott. Serpa havia desobedecido uma ordem de Lott e por isso foi enquadrado por trransgressão disciplinar, preso e correndo o risco de perder a patente.

Católico, sempre atacou o consumismo e a permissividade

Serpa continuaria conspirando até a vitória do golpe de 1º de abril de 1964. Desde então, manejando uma vasta cultura histórica, princípios doutrinários herdados da família dos Andradas — ele é descendente direto de José Bonifácio, o Patriarca da Independência — e da ideologia udenista de Minas Gerais, além de uma anticomunismo exarcebado e militante, o general Andrada Serpa tornou-se um dos maiores defensores dos ideais da "Revolução" de 1964. A propósito é interessante lembrar que, no final de 1978, ele declarou que para se transformar numa potência até o ano 2000, o Brasil "precisaria de mais 15 anos de regime como este", estando ainda em vigor o AI-5, instrumento que ele sempre defendeu com paixão, e que nesta época já estava pronto para ser tirado de cena pelo general Ernesto Geisel. Vieram as salvaguardas constitucionais, que satisfizeram o general Serpa.

Católico praticante, o general Serpa é profundamente religioso e moralista, não perdendo a oportunidade de atacar, por exemplo, o uso dos meios de comunicação na divulgação do "consumismo e da permissividade". Sua visão política e o papel social que defende para os militares decorre em grande parte de seu arraigado paternalismo, presente até mesmo na linguagem coloquial: Serpa costuma tratar seus interlocutores de "meu filho". O general dizia na semana passada em seu sítio de Barbacena que as elites políticas brasileiras são despreparadas para conduzir o processo político (devido à sua formação "dominantemente bacharelesca e sem o apoio de partidos organizados") e daí justifica a intervenção dos militares na cena política como "poder moderador", lembrando que o fato foi institucionalizado.

É contra a convocação de uma Constituinte

Serpa evoca a história para também justificar sua posição contrária às eleições diretas para a presidência da República, o voto proporcional, a proliferação de partidos políticos e a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. Quanto a esta última questão, ele acha que existem pelo menos duas correntes que a defendem: os primeiros seriam os "mal intencionados, que querem a Constituinte como instrumento para derrubar o governo", os demais seriam os "ingênuos, que acreditam poder resolver as questões políticas, econômicas e sociais, através da lei escrita". "No Brasil ou em qualquer outro país — afirma Serpa num discurso pronunciado em setembro de 1979 — a convocação de Constituinte só poderá resultar da revolução vitoriosa. Faltará sempre, às facções derrotadas a força necessária à condução do processo político; foi assim em 1824, 1889, 1934, 1946 e 1967".

Um direito que Serpa faz questão de defender, alegando uma tradição familiar (por sinal, quebrada pelo seu primo irmão, o ex-líder da Arena, José Bonifácio, o Zézinho) é a liberdade de imprensa, com a ressalva de que deve estar submetida a uma lei específica para evitar o consumismo, a permissividade e defender a cultura nacional contra os enlatados estrangeiros.

Com caniços de luxo, dois agentes pescam lambarís e girinos

Como se vê, as posições políticas do general Antônio Carlos de Andrada Serpa são extremamente conservadoras e por esta razão sua margem de manobra política é bem mais limitada do que a do falecido general Hugo Abreu, que, defendendo bandeiras democráticas como a Anistia Ampla, Geral e Irrestrita e a convocação da Constituinte, conseguiu impulsionar a Frente Nacional de Redemocratização que apoiou a candidatura oposicionista do general Euler Bentes Monteiro. De qualquer maneira, o posicionamento de Serpa no plano da economia é que lhe garante notoriedade a até mesmo certa simpatia entre as oposições. Afinal, embora nunca se esqueça de repetir que sempre combateu o comunismo materialista e ateu e defenda bandeiras direitistas no plano político, Serpa é intransigente ao defender a soberania nacional.

Desde que foi afastado do DGP, o general Antonio Carlos de Andrada Serpa refugiou-se na fazenda Borda do Campo, no município de Antonio Carlos, cuidando da fazenda ou estudando, cercado pelos quase 20 mil volumes (quase todos comprados em sebos) de sua biblioteca. Lá mesmo, como frisa, o general Andrada Serpa tem oportunidade de ver como o país é exaurido em suas riquezas: locomotivas movida a diesel subsidiado, puxando até 20 vagões cada uma, levam o minério de ferro de Minas Gerais para ser vendido a preços aviltados no mercado externo.

Ele vai atacar a entrega de Carajás aos estrangeiros

A monotonia do campo e do barulho das locomotivas andou sendo quebrada nos últimos meses em Antonio Carlos: primeiro, por um helicóptero enviado pelo general Coelho Neto, comandante da 4ª Divisão do Exército, com sede em Juiz de Fora, para espionar a fazenda Borda do Campo, certamente à procura de alguma emissora de rádio clandestina. Depois, por dois agentes mal disfarçados de pescadores, com sofisticados caniços, lançados ao córrego da fazenda, onde mal existem lambaris, mas abundam girinos.

A propósito da espionagem que vem sofrendo o general Serpa, cabe uma pergunta: tais operações estariam sendo deflagradas pelo governo para detectar um possível golpe militar liderado pelo general Andrada Serpa? O próprio general, em conversas com amigos, se defende: embora seja o último dos generais com possibilidade de sensibilizar uma facção do Exército, Serpa considera que um golpe militar apenas agravaria os problemas que o país enfrenta, além de possibilitar a explosão de uma Guerra Civil, que — ele lembra, — uma facção do Exército dividido, como mostra a história, armaria a população. Além disso, os militares golpistas jamais teriam o apoio popular que ele considera que o golpe de 1964 teve, pois hoje — reconhece — as Forças Armadas sofrem um processo de grande desgaste.

Pelo sim, pelo não, o certo é que os obuses do general Andrada Serpa estão prontos para a próxima batalha (verbal) no dia 23, no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro: no novo discurso Serpa aprofundará suas críticas à política econômica definida pelo ministro Delfim Netto, exigirá com mais veemência do governo "mudanças de rumo" e fará novas denúncias da desnacionalização do País. Serpa abordará a questão do Projeto Jari, por exemplo, mas o principal mote do discurso, como **Movimento** pôde apurar, será um ataque à entrega do Projeto Carajás, pelo governo, ao capital estrangeiro".